

**O INVENTÁRIO HISTÓRICO-ARTÍSTICO DO CONCELHO DE MACEDO DE
CAVALEIROS: PRIMEIROS CONTRIBUTOS DE LEVANTAMENTO**
(campanhas do Verão de 2004)

Carlos Morgado,
Lécio Leal e
Lília Silva
(inventariantes / FLUL)

*A Arte é, acima de tudo uma forma de conhecimento do mundo,
intuitiva e luminosa, como a inesperada aparição de uma rosa nas trevas.*

Vittorio Sgarbi, *Le Tenebre e la Rosa*

RESUMO: O Inventário Histórico-Artístico de Concelho de Macedo de Cavaleiros vem trazer a público alguns núcleos de arte regional, nacional e peninsular de suma importância para o enriquecimento do panorama artístico português. Desde as típicas fontes de mergulho à pintura retabular, à talha barroca, aos tectos em caixotões, aos lavatórios, à escultura gótica e barroca, à ourivesaria e à pintura mural, as novidades são imensas. Neste pequeno artigo apenas iremos salientar algumas das peças por nós inventariadas. A apresentação dos núcleos artísticos será apresentada pela ordem alfabética das suas freguesias.

PALAVRAS-CHAVE: Inventário Histórico-Artístico. Concelho de Macedo de Cavaleiros. Talha dourada. Tectos de caixotão. Arquitectura. Escultura (madeira, pedra). Pintura (retabular, tela, mural). Estilos. Fontes de Mergulho. Pelourinhos. Livros de Visitações. Lavatórios. Igrejas.

SUMMARY: The Art-History Inventory of “Macedo de Cavaleiros” council has brought to public some nucleus of local art, national and peninsular to light of major importance to the enrichment of the portuguese artistical scene. From the typical dipping fountains, passing through the painting similar to a retable, baroque gilded and carved-wood, ceilings with painted panels, to the gothic and baroque sculpture, the jewellery and wall painting the novelties are immense. In this short article we will only focus some of the items we have drawn up in inventory. The presentation of the artistic nucleus it will be presented in alphabetical order of parochials.

KEY-WORDS: Art-History Inventory. Macedo de Cavaleiros Municipality. Baroque Gilded and Carved-Wood. Ceilings with painted panels. Architecture. Sculpture (wood, stone). Paintings (retable, canvas, mural). Styles. Dipping fountains (Fontes de Mergulho). Pillory. Visitation Books. Wash-stands. Churches.

No âmbito do protocolo celebrado entre o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros e a Associação Terras Quentes a 19 de Maio de 2004¹, procedeu-se nos meses de Julho e Agosto do mesmo ano ao início da campanha de trabalhos de inventariação e estudo do património edificado e móvel nas trinta e oito freguesias que compõem o concelho de Macedo de Cavaleiros.

Trata-se de um vasto território, outrora dividido por três concelhos, de há muito extintos: Vale de Prados, Pinhovelo e Chacim. Os trabalhos iniciados prolongar-se-ão por mais três anos e com eles se pretende “dotar o concelho de um instrumento monográfico capaz de dar resposta às necessidades de protecção, acção de restauro e salvaguarda” do património. Deste modo, esperamos contribuir para o conhecimento e divulgação de uma região que pelo seu afastamento geográfico ainda se encontra secundarizada em importância quer pelo poder central quer pela comunidade científica.

Sob a coordenação geral do Professor Doutor Vitor Serrão, Director

do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e com a orientação local do Doutor Manuel de Sousa Cardoso, Vice-Presidente do corpo directivo da Associação Terras Quentes, e do Dr. Carlos Mendes, responsável da mesma associação patrimonial, entre outras individualidades e instituições que a seu tempo serão mencionadas, iniciámos a primeira fase da campanha que consistiu no reconhecimento do território (toponímia, vias e acessos, principais monumentos), tendo sido percorrida a quase totalidade das trinta e oito freguesias (trinta e duas, para sermos exactos) a fim de se verificarem as existências artísticas e se tomar conhecimento das suas potencialidades. A primeira constatação é a de que, mesmo contando com algumas breves mas valiosas referências a monumentos existentes no concelho da parte de historiadores prestigiados, como o Abade Baçal, Belarmino Afonso, Mourinho Júnior e, sobretudo, Luís Alexandre Rodrigues, a verdade é que o acervo patrimonial ainda existente é, *grosso modo*, totalmente desconhecido da História da Arte portuguesa.

Após esta primeira fase tão necessária de reconhecimento,

delineámos os seguintes objectivos para o primeiro ano de campanha deste inventário:

1. Contactar com o maior número de localidades do concelho bem como com a sua população, com um duplo propósito, apresentação do projecto e da equipa que o constituía e recolher informações acerca do que podia existir nas suas terras com valor histórico-artístico, passível de inventariação (bens institucionais públicos, privados ou outros), portanto;

2. Registar o maior número de bens móveis e imóveis de cada localidade e freguesia do concelho, quer pelo registo fotográfico quer pela descrição formal e estilística dos mesmos (arquitectura, escultura, pintura, ourivesaria, paramentos);

3. Consultar nos arquivos locais (arquivo notarial, diocesano, paroquial) de documentação (contratos) que possa revelar autorias, obras, custos, temas, procedimentos, intenções...

Para além destes três objectivos metodológicos, existem outros que não interessarão nesta fase primária: falamos do aprofundamento científico e individual das peças, algo para já muito precoce e inviável, já que sem um

conhecimento geral das mesmas qualquer outro tipo de abordagem que não esta perderia uma sólida e necessária base de apoio e, por último, definir medidas de protecção, conservação e revalorização do património existente, este sem dúvida o mais importante passo desta exemplar iniciativa do município de Macedo de Cavaleiros para o concelho.

Após delineados os objectivos e em gesto de retribuição ao excelente acolhimento que recebemos, principiámos o inventário nas localidades próximas às instalações onde, durante os meses de Julho e Agosto de 2004, estivemos alojados, falamos de localidades como Vale da Porca, Salselas e Santa Combinha.

Freguesia de Ala: Na freguesia de Ala ergue-se a imponente Igreja Matriz dedicada a Santa Eugénia, com a

data de 1830 (provavelmente referente a uma campanha de obras posterior) inscrita no frontão (fig.1). Na capela-mor da igreja um retábulo barroco incorpora quatro tábuas dos finais de quinhentos de boa

qualidade. Do lado esquerdo existe um *Calvário* com a *Virgem* e *São João Evangelista*, o Cristo na cruz de



1 – Fachada da Igreja

influência *miguelangelesca* deixa adivinhar o trabalho de um pintor instruído, senão em escolas italianas pelo menos conhecedor de gravuras que circulavam à época. Este painel encontra-se repintado, mas ainda assim, a sua qualidade pictórica não fica prejudicada. Do lado esquerdo, por cima do *Calvário*, existe uma representação de *Cristo Atado à Coluna* de boa execução gráfica. A paleta pictórica é rica e há desenvoltura no tratamento das vestes com pregueados vincados que fazem o contraste entre o claro/escuro. O estado de conservação desta pintura encontra-se em más condições, verificando-se o destaque de pigmentos e duas ranhuras verticais a necessitarem de consolidação urgente. Do lado direito do retábulo encontra-se, *Cristo no Caminho para o Calvário*, o tratamento plástico é semelhante às outras duas pinturas, em termos de conservação apresenta

duas grandes fissuras verticais. A tábua restante que incorpora o retábulo do altar-mor representa *Santa Catarina* com a palma

do martírio na mão esquerda, na mão direita segura um crucifixo com a figura de Cristo e faz-se acompanhar do seu atributo (roda), datável do século XVII.



2 – Fonte Grande de 1771, Limãos

Brinço: Na povoação de Brinço existe uma igreja de devoção a Santa Catarina. É composta por duas naves, tipologia única na região, capela-mor, sacristia e arco triunfal de volta perfeita com impostas. O altar-mor é decorado com talha barroca repintada em 1935. Na nave lateral (esquerda) salientamos a presença de uma escultura barroca de *Nossa Senhora das Dores*, de grandes dimensões e de bom entalhe.

Freguesia de Bagueixe: Igreja matriz e capela adjacente. Optámos por adiar a inventariação deste conjunto arquitectónico por se encontrar em restauro.

Ao contrário daquilo que se podia fazer esperar, a existência de uma rede pública de água não fez cair totalmente em desuso o hábito das populações do concelho de Macedo de Cavaleiros de se abastecerem nas fontes de mergulho, no entanto, em muitos

casos, devido quer ao maior afastamento destas do centro populacional quer ao já adiantado estado de degradação das mesmas, a tendência

é para que este tipo de fontes venha a desaparecer por completo; casos das fontes de mergulho de Limãos (fig. 2), Morais, Vale da Porca, Soutelo

Mourisco, entre outras que inevitavelmente acabaremos por mencionar.

No concelho, todas as localidades têm pelo menos uma destas fontes, sendo que a grande parte foi edificada em finais do século XVIII, inícios do século XIX. São constituídas

essencialmente por cantaria em granito, corpo rectangular coberto por placas sobrepostas de xisto bem como por fragmentos graníticos. A única abertura é quase sempre formada por um arco de volta perfeita, acompanhando este esquema a abóbada no seu interior. As paredes interiores que sustentam a abóbada são formadas por cantaria bem aparelhada e têm essencialmente a mesma altura em profundidade, sendo esta

necessária para a formação do reservatório de água. Para além deste corpo ou estrutura podem existir outros, formados por escadarias de acesso e circuitos artificiais que podem levar a água a ser acumulada em depósitos exteriores, próprios para lavar roupa

e/ou para o consumo dos animais (fig. 3).

A Fonte de Mergulho de Bagueixe tem gravada numa pedra rectangular granítica, ladeada por dois pináculos, a data de 1792 (fig. 4). A



3 – Fonte de Mergulho, Bousende

planta é rectangular mas apenas três faces da construção são visíveis, aquelas que se fazem acompanhar de

friso, as duas laterais e a frente, esta, ao contrário das paredes laterais, é constituída por cantaria em granito. Já o xisto domina as outras duas e, por aquilo que se percebe, fá-lo por intervenção recente

(segunda metade do século XX). Encontra-se funcional e em boas condições, sendo que a maior preocupação para uma razoável conservação



4 – Fonte de Mergulho, Bagueixe

física da mesma é prevenir o crescimento de vegetação na sua cobertura e garantir um bom escoamento de águas, removendo os detritos que se acumulem para prevenir infiltrações – algo que se aplica a todas as edificações.

Com data de 1929, a fonte e tanque público em granito é constituída

por um reservatório rectangular para água pouco profundo mas longo. No lado Este do tanque, eleva-se uma estrutura também granítica mais recente com base para o abastecimento de água agora integrada na rede pública.

A Capela de S. Paio de estrutura quadrangular com tecto em ponta de diamante termina exteriormente num arco quebrado, também ele de quatro faces. Do lado esquerdo abre-se uma pequena janela rectangular.

Na cantaria existem inscrições de difícil leitura: junto à porta e na parede exterior do lado direito, num registo inferior. Os materiais utilizados são o xisto e o cimento, este último, fruto de uma campanha de consolidação mais recente,

bem intencionada mas errada. O cimento, para além de ser inestético em conjunto com a pedra, é também bastante agressivo, sendo de difícil remoção. Nestes casos, é preferível a aplicação de argamassa proveniente da argila.

Freguesia de Bornes: Na freguesia de Bornes destacamos a Igreja Matriz de Santa Marta com o seu altar-mor em talha dourada barroca do Estilo Nacional, neste retábulo ainda persistem dois painéis do antigo retábulo

maneirista, nestas duas pinturas estão representados *São Pedro* (lado esquerdo), munido dos seus atributos iconográficos – chave na mão direita e o Livro na mão esquerda – e *São Paulo* (lado direito) – com a espada na mão esquerda e o Livro na direita. A capela-mor possui vinte e oito caixotões pintados em madeira com iconografia dos *Santos Mártires*, já muito repintados. No intradorso do arco

triumfal está inscrita a data de 1779 e no lado exterior existe uma pintura mural com a *Adoração dos Anjos ao Sagrado Coração de Jesus*, muito degradada e datável do mesmo período. No tecto da nave existe uma pintura sobre madeira do século XVIII com uma representação do *Calvário*. No altar lateral

esquerdo persiste uma pequena escultura de *Nossa Senhora com o Menino Salvador do Mundo* de razoável qualidade (fig. 5). Pelo tratamento rígido dos panejamentos podemos balizar cronologicamente esta peça como sendo dos finais do século XVI inícios de XVII. O tratamento anatómico ainda que não indique um escultor de primeira linha revela alguma qualidade no tratamento das vestes. No adro da Igreja encontram-se três



5 – N.ª S.ª com Menino Salvador do Mundo

túmulos medievais de factura antropomórfica, decorados com rosáceas, de figurino gótico que são de proveniência desconhecida (fig. 6). Diz a tradição que foram encontrados ocasionalmente no decurso de uma obra pública, não longe da matriz.

Freguesia de Burga: A Igreja Matriz de Nossa

Senhora da Conceição de Burga apresenta no arco triunfal de volta perfeita vestígios de policromia. O retábulo da capela-mor é de tipologia rococó com camarim e tribuna. Ao nível escultórico salientamos uma *Nossa Senhora do Rosário com o Menino*, de pequenas dimensões (71cm), estofada e policromada da época barroca. No cemitério da freguesia datado de 1909 ergue-se uma pequena capela de nave única e telhado de duas águas, na moldura da porta principal pode ler-se a data de 1777. O interior da capela encontra-se despojado de qualquer peça de maior interesse.

Freguesia de Castelãos: Na freguesia de Castelãos, muito perto de Macedo de Cavaleiros, salientamos na



6 – Túmulo Medieval

sacristia da Igreja Matriz um interessante sacrário com três faces (fig. 7), em péssimo estado de conservação, datáveis de épocas diferentes. A face central representa um *Pano de Verónica*, de influência flamenga, com boa execução pictórica visível na barba, olhos e rosto de

Cristo. O tratamento artístico permite-nos apontar os inícios do século XVI como data provável de concretização. A imagem já sofreu repintes na zona da coroa de espinhos e pano do Sudário. A *Santa Face* encontra-se ladeada por outras duas pinturas do século XVII, no lado direito *São Pedro* – com o Livro e as chaves –, no lado esquerdo *São Paulo* – com o Livro, o destacamento da camada pictórica não



7 – Pano de Verónica, Porta do Sacrário, Castelãos

nos permite identificar o outro elemento iconográfico. Estas duas pinturas encontram-se em péssimo estado de conservação, tanto pelo destacamento cromático como pelas profusas marcas de xilófagos.

Freguesia de Chacim: No centro da praça de Chacim está situado

o seu pelourinho, testemunha do passado honroso de uma povoação que até 1855 foi sede de concelho. Construído totalmente em granito e assente numa base quadrangular constituída por três degraus o pelourinho encontra-se largamente documentado desde as

Memórias Parochiais de 1758²

até às aguarelas de Alberto de Sousa. Digno de nota, o Real Filatório de Chacim, outrora monumento da «vitalidade industrial» do concelho, é hoje uma obra que mercê de uma esclarecida intervenção arqueológica e museográfica, que se encontra em curso, poderá servir de aferidor para futuras intervenções em outros monumentos do concelho.

Situado no cume do monte do Carrascal, o Santuário de Nossa Senhora de Balsamão deve a sua origem a uma lenda que envolve a Aparição da Virgem Maria com um bálsamo na mão destinado a curar as feridas dos cristãos que se debatiam com os mouros. Séculos mais tarde, a pequena ermida aí

edificada sob o nome de Confraria de Santa Maria de Balsamão vê as suas instalações aumentadas com a vinda para Portugal em 1754 do padre Casimiro Wiszynski com o desejo de difundir o culto mariano.

Coroamento deste período de grandes campanhas de obras é o tecto da capela-mor pintado por

Bustamante no ano de 1763 (fig. 8), conforme atesta a assinatura por este deixada no canto inferior esquerdo da capela. No centro, *Nossa Senhora* rodeada por uma corte de anjos segura na mão o vaso contendo o bálsamo, emoldurada com uma profusão de elementos florais e arquitectónicos alusivos às litanias marianas.



8 – Pormenor da pintura do tecto da nave da igreja do Convento de Balsamão, Chacim



9 – Sacrário da Igreja Matriz, Cortiços

Freguesia de Cortiços: Na aldeia de

Cortiços, salientamos na Igreja Matriz uma *Santa Face* a decorar um sacrário (fig. 9), tal como em Castelãos, no entanto a qualidade plástica desta é muito inferior à de Castelãos. A peça artística encontra-se muito repintada, principalmente nas gotas de sangue da testa de Cristo.

Cernadela: Na localidade de Cernadela, freguesia de Cortiços, a Igreja Matriz foi desmantelada e construída de novo recentemente, no exterior e interior abundam elementos arquitectónicos, desposados do ambiente original e reaproveitados da construção anterior. A nível escultórico salientamos uma imagem barroca de *Santo António com o Menino* estofada e policromada, situada no lado direito do altar-mor.



10 – Alminhas, Cernadela

Quase à saída da pequena localidade de Cernadela encontra-se um pequeno monumento dedicado às *Alminhas* datado de 1776 (fig. 10). A construção de formato quadrangular é encimada por um frontão que ostenta o brasão da família do encomendante. Na parede exterior lateral direita pode ler-se a inscrição: *ESTA OBRA MANDOU FAZER POR SUA DEVOCAM LEONARDO IOZE DA CUNHA ALCOFORADO DA VILA DOS CORTICOS NO ANNO D 1766*. No interior, em pedra esculpida, o *Arcanjo Miguel*, ladeado por dois anjos



11 - Pormenor

caídos, preside ao julgamento das almas que ardem no inferno (fig. 11). No frontão, que encima a cena de *São Miguel*, encontra-se um *Cristo crucificado*. A pequena estrutura arquitectónica é rematada por uma abóbada ao estilo neo-gótico. Nas paredes laterais interiores existem vestígios de pintura mural muito degradada³.

Freguesia de Corujas: A Igreja Matriz de Corujas encontra-se muito descaracterizada,

felizmente ainda subsiste um tríptico com predela do século XVI. Esta peça retabular fazia parte integrante do altar-mor, mas em meados do século XVIII, aquando da construção do actual altar

em talha dourada do Estilo Nacional, foi apeada e transladada para a parede lateral (lado direito) da igreja. No lado

esquerdo está representado

São Pedro – segura na mão direita o Livro e na esquerda as chaves –, de vestes rosa e manto amarelo inserido numa paisagem árida. No painel central uma imagem de *São Tiago, Mata Mouros*, montado num cavalo e

erguendo a sua espada contra «os infiéis» incorporado numa cena de batalha campal. E no lado direito *São Paulo* – segura na mão direita o Livro e na esquerda a espada – de veste verde e manto vermelho introduzido numa paisagem muito semelhante à de *São Pedro*. Na predela, seguindo a mesma orientação (esquerda/direita), *Santa Apolónia*, com o instrumento do martírio, *Santo António de Lisboa*, com a palma do martírio e *Santa Luzia*, com os olhos na bandeja. O estado de conservação do tríptico apresenta algumas deficiências com destaques de



12 – Naveta, prata lavrada do século XVIII, Bousende

pigmentos e ranhuras, a tábuia central é a que manifesta mais problemas com ausência total de pigmentos no fundo – o conjunto necessita urgentemente de uma intervenção de consolidação. Do conjunto pictórico despertou-nos interesse desde logo a tábuia central tanto pela pintura subjacente visível a olho, por trás do *São Tiago* ergue-se uma outra figura de maiores proporções, em posição vertical e com um bastão na mão direita, como por representar uma cena de batalha com registos

paisagísticos. Na próxima campanha a pintura merecerá um estudo mais aprofundado e se nos for possível tentaremos utilizar fotografias ultravioletas que seguramente nos poderão proporcionar mais dados não detectáveis a olho nu.

Freguesia de Espadanedo:

Nesta freguesia ergue-se a singela Igreja matriz dedicada a *São Miguel*. A fachada principal tem um pequeno óculo e é encimada por uma torre de campanário dupla com quatro pináculos e uma cruz ao centro. Na sacristia existe um fontanário, em pedra, decorado com um rosto tosco. Na nave, adossado ao

arco triunfal, acham-se dez caixotões, muito repintados, com representações de *São Marcos*, *São João*, *São André*, *S. Tiago*, *São Filipe*, *São Bartolomeu*, *São Simão*, *São Lucas*, *São Mateus* e *São André*.

Bousende: Na localidade de Bousende é digno de nota a subsistência de duas peças de ourivesaria: uma naveta em prata com motivos florais (fig. 12), em óptimo estado de conservação, e um turíbulo, também em

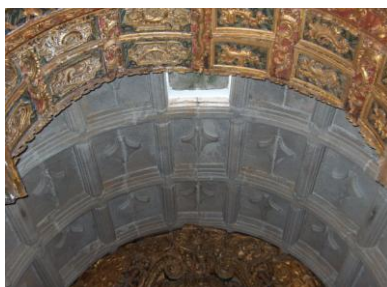
prata, a necessitar de uma urgente acção de limpeza.

Freguesia de Ferreira: No portal da Igreja matriz de Ferreira pode ler-se a data de 1757 (fig. 13). A estrutura arquitectónica é composta por uma nave única, capela-mor e sacristia. O arco triunfal de volta perfeita, que separa a nave da capela-mor, encontra-se totalmente



13 – Igreja Matriz, Ferreira

revestido de talha, com altares laterais do estilo Rococó e toldo com dezasseis caixotões com representações do apostolado. O retábulo do altar-mor de talha dourada do período joanino incorpora duas mísulas laterais com pinturas anteriores: *São Pedro* (esquerdo) e *São Paulo* (direito). O tecto capela-mor é constituído por vinte caixotões, em cantaria, uma imposta sustentada por quatro modilhões, de cada lado, rematam a estrutura (fig. 14).



14 – Tecto da Capela-mor, Ferreira

Freguesia de Grijó de Vale Benfeito: A fachada maneirista da Igreja de Santa Madalena de Grijó encontra-se datada e assinada: *MARTINHO Aº (Afonso) O FES ANO D*

1680. No interior da igreja uma peanha em granito indica-nos outra data – 1679, provavelmente uma deve indicar o início da construção e a outra o término das obras. O retábulo da capela-mor em talha dourada da segunda metade do século XVII e com colunas pseudo-salomónicas apresenta uma tipologia proto-barroca muito

interessante. Rasgado, posteriormente, por um Trono do Santíssimo e esplendor raiado da época joanina. Lateralmente este retábulo possui quatro edículas com iconografia jesuítica: no lado esquerdo uma tábua de grandes proporções representa Santo *Inácio de Loyola*, encimado por uma pintura de

pequenas dimensões alusiva a *São José*. Do lado direito *São Francisco Xavier com o Menino ao colo*, encimado por uma representação de *São Francisco de Assis*. O templo esteve sob a tutela da Companhia de Jesus o que explica a iconografia do retábulo da capela-mor.

Na nave única encontra-se no lado direito um curioso altar dedicado a

Jesus de talha barroca ladeado por dezoito painéis, pintados sobre madeira, com *Cenas da Vida de Cristo*, os painéis estão muito repintados mas, mesmo assim, é possível verificar que a qualidade artística não é de primeira linha – provavelmente foram executados por um artista regional com recorrência a gravuras. Na sacristia merece destaque um pequeno conjunto de escultura da segunda metade do século XVII composta por *São José e o Menino*, estofada e policromada (fig. 16). De mãos dadas e colocadas em bases diferentes, este conjunto provavelmente encontra-se incompleto, originalmente deveria ser composto por três peças formando assim



16 – S. José com o Menino, século XVI, Grijó

uma representação da *Sagrada Família*, são peças pouco vulgares que marcam pela diferença e originalidade⁴. O seu estado de conservação apresenta já alguns problemas com esporádicas marcas de xilófagos.

Freguesia de Lagoa: Formam a igreja de São Martinho de Lagoa nave, capela-mor, sacristia e outras dependências. A planta é longitudinal,

orientada segundo o eixo E-O. As suas paredes são de alvenaria rebocada, sendo o granito visível apenas nas ombreiras e lintéis das portas e janelas, bem como no portal principal e molduras de remate. O ornato nestas é extremamente simples, alterna entre a canelura e a estria, isto nas falsas pilastras dos portais, nas restantes superfícies não existe. A linguagem que se utiliza, tanto na fachada como nas alas e nas entradas principal e secundária é a maneirista, mas com contaminações. De resto, algo que é bastante comum nesta região, chegando ao ponto de se empregarem em simultâneo elementos da arquitectura românica e renascentista, barroca e românica e, por último, maneirista e tardo barroca ou *rocaille*, o que é o caso.

Do seu interior merece ser salientado algo que é comum em muitas das igrejas visitadas: o lavatório da sacristia em granito. E seriam muitos mais aqueles que importariam referir, não se tratando apenas do desta igreja. Temos notícia do lavatório da sacristia da igreja de S. Martinho a partir de 1667, data em que o visitador manda fazê-lo *na parte onde mais conveniente*

*parecer, com dois esguichos, e aí se porá uma toalha com seu ferro para limpeza das mãos*⁵ (fig. 17). Este, pela sua composição é extremamente semelhante ao da sacristia da igreja de Santo André de Morais do qual apenas difere no número de *esguichos* (fig. 18). Os elementos compositivos não variam muito, a grande parte destes é inspirada directamente nos portais das igrejas. É assim frequente vermos lavatórios coroados por frontão triangular ladeado por pináculos, bem como a utilizar elementos característicos da talha retabular. Porém, existem casos de excepção onde não se empregam só estes elementos de inspiração arquitectónica e escultórica religiosa. Nestes a linguagem utilizada tem origem no imaginário popular, caso do lavatório de Vale da Porca (fig. 19).



17 – Lavatório, Lagoa



18 – Lavatório, Morais



19 – Lavatório, Vale da Porca

A segunda notícia que temos do lavatório da sacristia da igreja de Santo André data de 1668, na qual é referido que o fabriqueiro não cumpriu com a obrigação do lavatório da sacristia, incorrendo agora na pena de 800 reis *sob as* (futuras) *penas em dobro*, ameaça que pareceu resultar pois nas visitas seguintes nada se fala do assunto⁶. Assim, esta situação teria ficado resolvida entre 1668 e 1672.

Merecem a nossa atenção também, desta feita na nave da igreja, quatro retábulos em talha dourada, dois laterais e dois colaterais. Os dois retábulos laterais a que nos referimos são o *Altar das Almas* (fig. 20) e o altar do *Nome de Jesus* (fig. 21). Sobre o primeiro, existe referência em 1668⁷, altura em que o padre Lourenço Gonçalves, pessoa encarregada de mandar fazer o dito retábulo, por lhe ter sido *posta uma obrigação pelas almas*, intercede junto do visitador para que este livre a fábrica da pena por esta já se encontrar hipotecada,

adiantando o próprio do seu dinheiro a soma para cobrir a falta. Em 1681, treze anos depois, outro visitador é informado *que o padroeiro das almas tinha mandado fazer um retábulo para o altar das almas e o Nome de Jesus, que fica em correspondência, não tem nenhum e tendo a confraria dinheiro suficiente mande fazer outro da mesma obra*⁸, estando este já feito na visita de 1689, faltando apenas dourar⁹.

Ainda no corpo da nave e segundo o mesmo *Livro*, dos dois retábulos colaterais surge a primeira referência em 1714, os mesmos que até hoje nos chegaram, *feitos ao moderno de talha levantada e nos mesmos retábulos se porão pianhas (...) e os novos que se fizerem entestarão os seus remates até ao forro do tecto da igreja*¹⁰.

Contudo, dois anos depois ainda não tinham sido feitos mas não por culpa do fabriqueiro, segundo apurou o visitador a culpa tinha sido do *mestre que os arrematou*, seria necessário obrigar o mesmo mestre a

*dar cumprimento à dita obra*¹¹ e a julgar pelas palavras do visitador Tomás Gomes da Costa, a obra estaria na fase do douramento em 1724¹², estando totalmente finalizada em 1728 – *O Fabriqueiro deu satisfação às obras por*

*conta da fábrica assim do corpo da Igreja como da Capela lhe foram mandadas e lhe louvo o cuidado e zelo com que se aplicou*¹³.

As obras de vulto da capela-mor têm o seu início a partir de 1680 com a

encomenda de um sacrário ao fabriqueiro que se desejava semelhante ao de Macedo de Cavaleiros¹⁴ e

terminariam apenas por volta de 1702 com o douramento do retábulo da mesma capela. Deste sacrário nada resta, se contarmos com o único modelo (documentado) sobrevivente semelhante ao de Macedo, o sacrário

de Talhas¹⁵. A encomenda do

retábulo é sugerida em 1687 por várias razões: *porque na fábrica havia dinheiro de sobejo e a igreja estava bastante melhor ornada de todo o necessário e o retábulo que há no altar-*



20 – Altar das Almas, Lagoa



21 - Altar do Nome de Jesus, Lagoa

mor é já velho e, por último, porque o velho retábulo não condizia com o novo sacrário¹⁶. A encomenda foi exigida mas em 1689 ainda não tinha sido cumprida¹⁷, sendo-o apenas em 1693, data em que os fregueses mandariam pôr o retábulo velho na *Capela de Santo Apolinário até à próxima* (visita), *pena de dez tostões, e por o dito retábulo darão 6.000 reis que se entregarão ao fabriqueiro para ajuda de se dourar o novo*¹⁸, tendo este três anos para tal¹⁹. Porém, passados estes anos, ainda o retábulo não tinha sido dourado e, segundo as palavras do visitador António de Morais Antas, *sem se engessar ficará incapaz e totalmente não servirá e se mandará fazer outro de novo*, algo que não seria o mais acertado dada a despesa já feita e algo que não seria feito.

Quer a fábrica da igreja quer os fregueses, sentiam enorme dificuldade em conseguir juntar o mínimo necessário para o início do douramento do retábulo, desta forma pediram ao visitador que permitisse a inclusão dos *frutos da comenda* nas contas, porém, e ainda assim, o montante conseguido não era suficiente, *a comenda não paga mais de três mil reis todos os anos para as obras da igreja, quantia que é limitada e se não pode fazer aplicação para obra tão grande*²⁰. É o próprio

visitador que vai solucionar o problema, ordenando tanto ao reverendo como ao cura da igreja, *em termo de um mês sob pena de excumunhão, escrever ao excelentíssimo Duque de Cadaval dando-lhe contas (...) para que sua Excelência como príncipe tão católico, bem informado, seja servido aplicar cada um ano quarenta mil reis para se fazer esta obra e em termo de três anos se conseguirá e (...) estará com a decência possível*²¹. Dois anos depois, em 1701, o mesmo António de Morais Antas toma contas ao fabriqueiro e acha que há dinheiro suficiente *para se principiar a obra do retábulo do altar-mor*, não tanto pela quantia que a fábrica dispunha (211.000 reis) mas principalmente por uma *carta do Excelentíssimo Senhor Duque de Cadaval, comendador desta comenda que promete uma ajuda*²². E com esta promessa o visitador manda *aos Juiz do Povo, da Igreja e mais gente (...) aos reverendos párocos que logo ponham esta obra em pregões que durarão um mês mandando notícias aos melhores douradores deste bispado*. De igual forma mandará a Lisboa *uma carta do Reverendo para o Senhor Duque, lembrando-lhe a promessa com a carta que escreveu, narrando-lhe como essa obra está arrematada e o custo dela*, da qual não dispomos prova documental

mas cremos bastante superior aos 211.000 reis iniciais. O retábulo teria que ser *todo dourado, e a tribuna por dentro e por fora, sem mais tinta alguma excepto os cachos das colunas, que serão estofados da cor que imita uvas, as tábuas ditas dos lados serão de grotesco* (fig. 22) *com ramos de ouro sobre campo vermelho*²³.

Freguesia de Lamas de Podence: Na povoação de Lamas existe

uma curiosa capela denominada de Capela de Nossa Senhora do Campo. Situada no cimo de um monte este templo gótico dos finais do século XIII ou inícios do século XIV, embora muito

intervencionado ainda mantém as suas características iniciais. O portal é antecedido por uma galilé que dá acesso à entrada principal. Este é de tipo quinhentista e de volta perfeita e assenta sobre colunelos em cujas bases estão dois monstros ou demónios. A igreja é de planimetria rectangular com capela-mor e três naves com pilares de tijolo.

O altar-mor é barroco do Estilo Nacional, com colunas salomónicas com motivos vegetalistas, meninos e

mochos, mas integra duas obras pictóricas sobre tela de cariz maneirista da segunda metade do século XVI ou inícios do século XVII: à esquerda *Cristo descido da Cruz* e à direita *Jesus a orar no Horto*. No camarim central estão dispostas três esculturas de vulto representando o *Calvário*. O coroamento do retábulo é composto por um camarim central que alberga a imagem da padroeira ladeada (à direita)

pela *Imaculada Conceição* e (à esquerda) pela *Anunciação*. As telas apresentam um grau de humanidade muito elevado e necessitam ser

rapidamente removidas para uma intervenção que se quer urgente.

Freguesia de Lombo: Na freguesia de Lombo a antiga Igreja Matriz foi totalmente destruída no século XX, em seu lugar a população construiu um novo templo inaugurado em 1985. Da antiga igreja resta documentação fotográfica, que irá por nós ser analisada numa próxima campanha, com o objectivo de enriquecer com tal documentação a cripto-história da arte.



22 – Pormenor do grotesco, Lagoa

Freguesia de Macedo de Cavaleiros:

A Igreja Matriz de Macedo de Cavaleiros é, talvez aquela que alberga um maior número de obras de arte sacra de todo o concelho. Com efeito, quer na capela-mor, quer nas suas três capelas laterais o número de obras já inventariadas nesta primeira abordagem é bastante assinalável, quer pela sua quantidade, quer pela sua qualidade plástica ou ainda pelo seu excelente estado de conservação. Igreja de planta longitudinal, constituída por capela-mor e nave única com três capelas laterais ricamente decoradas com revestimentos de talha dourada e policromada. Salientamos nesta primeira abordagem o grupo escultórico



23 – Pormenor, *Altar das Almas*, Macedo de Cavaleiros

constituído por quatro figuras de grande porte que adornam

a *Capela da Paixão*. As quatro figuras representam Cristo em quatro passos da *Via Sacra* e podem ser datados estilisticamente numa barreira cronológica situada entre os finais do século XVII e o dealbar do século XVIII²⁴. São imagens de grande qualidade plástica que testemunham, porventura, um artista ou uma oficina regional (talvez peninsular) de grande

arrojo e apuro técnico e que um futuro trabalho de arquivo poderá desvendar.

De salientar ainda o magnífico trabalho em talha que pode ser observado nas restantes capelas, com especial destaque para a capela chamada da *Imaculada Conceição* totalmente revestida a talha. No nicho central representa-se em baixo-relevo a pesagem das almas pelo *Arcanjo São Miguel*. A figura encontra-se no centro da narrativa, abaixo desta representa-se

o *Purgatório* e o *Inferno* e acima a *Corte Celeste* onde as almas resgatadas das labaredas dão salvas à *Virgem* que está a ser coroada por *Deus Pai* e por *Cristo ressuscitado*. Nas paredes laterais desenvolve-se toda uma narrativa de festejos em redor da representação da *Assunção de Nossa*

Senhora aos céus, coroada de flores. Alusão mais que evidente aos festejos populares que se efectuavam por altura de Santa Maria de Agosto, que assinalavam o fim das colheitas. Por entre motivos decorativos fitomórficos existem *figuras* de soldados, camponeses e gaiteiros em alegres folguedos perante o olhar de uma figura de rei entronizada (fig. 23). Todo o

programa desta capela revela uma originalidade que por si só merece um futuro trabalho monográfico com base num estudo mais aprofundado.

Freguesia de Morais: A Igreja de Nossa Senhora do Monte de construção sólida e sóbria deverá ter sido edificada num período anterior ao século XVIII, isto porque estão ausentes quaisquer elementos arquitectónicos do período barroco. O portal é simples, formado apenas por viga e umbrais de granito. Os elementos de decoração usuais do Barroco

(volutas, arcos abaulados, frontões curvos, etc.) estão totalmente ausentes desta



24 – Igreja de Nossa do Monte, ala Sul, Morais

construção e o elemento que mais se destaca do conjunto em ruína é um arco de volta perfeita que se encontra na ala Sul. Contrariando a tradição popular – que conta que este templo nunca teria sido terminado e aberto ao culto –, está o valioso contributo de Luís Alexandre Rodrigues²⁵, cuja exaustiva inventariação de fontes documentais vem provar o contrário. Deste modo ficamos a saber que no período compreendido entre 1703 e 1755 a dita

igreja encontrava-se activa e aberta ao culto. Apesar desta pequena construção se encontrar hoje em ruína e não possuir uma importância artística maior, não poder-se-á ignorá-la. Não sendo viável a sua reconstrução, poder-se-á no futuro conservá-la exactamente como se encontra, melhorando apenas os seus acessos e o seu redor, tornando-o um espaço aprazível e de recreio (fig. 24).

A Igreja de Santo André de planta longitudinal, bem orientada, segundo o eixo E-O. Formam a igreja a

nave, a capela-mor, a sacristia e outras dependências. A fachada, bastante alterada durante o século XIX (principalmente no

portal) é uma vez mais terminada por campanário com duplo arco. A entrada secundária em arco abaulado, faz-se pela ala Sul da construção. Quando acedemos ao interior, aquilo que inicialmente se destaca é a longevidade da nave e logo depois a pintura na capela-mor – no tecto e nas paredes. As pinturas do tecto em caixotões são do período barroco da segunda metade do século XVIII, já as pinturas das paredes, também a óleo sobre tábuas, são de um período

posterior e de temática diversa. As pinturas dos caixotões são vinte ao todo: onze das quais com *cenar da vida de Cristo*, tema principal. Estas, apesar da fraca qualidade artística, revelam que o pintor teve acesso a gravuras conhecidas. Deve-se ter igualmente em conta os repintes que a pintura sofreu ao longo do tempo – tantos que é quase impossível encontrar marcas da pintura original. Já as pinturas que cobrem as paredes da capela-mor encontram-se melhor conservadas, não fossem estas mais recentes, do estilo Rococó. Os motivos são sobretudo florais e vegetalistas, mas podem existir outros que também se verificam neste caso, como são as tapeçarias. A talha do retábulo não parte de qualquer programa em concreto ou de uma só época, podemos aí encontrar elementos de vários períodos, maneirista e barroco, como também de tempos bem mais próximos.

Para além disto, devemos ainda destacar as quatro figuras esculpidas que compõem o *Altar da Paixão* (no lado direito, na nave), a *Virgem, Maria Madalena, São João Evangelista e Cristo Crucificado*. Esculturas de pequenas dimensões, do século XVII, em madeira, douradas, estofadas e policromadas e de boa qualidade. Felizmente, conservam-se ainda livres

de qualquer tentativa de restauro – do tipo de restauro que se pratica com muita frequência neste e em outros concelhos da região e um pouco por todo o país – que danifica e desvaloriza as peças de arte no lugar de lhes conservar o seu valor.

Também aqui, na Igreja de Santo André, se encontraram alguns livros com enorme interesse histórico-artístico falamos, por exemplo, do *Livro de Receitas e Despesas da Igreja de Santo André de Moraes*, que vai de 1747 a 1802. No qual é possível encontrar algumas despesas com canteiros, carpinteiros e entalhadores, bem como as disposições dos visitantes para a igreja. Assim, em 1790, o arco do *Santo Cristo* devia ser levantado *na conformidade da visita*, pagando-se pelo trabalho ao canteiro 8.000 reis, ao carpinteiro, 720 reis, e ao entalhador *por forrar o arco, fazer banquetas e juntamente banco de retábulo com seu remate na forma de capitulo de visita*, 28.800 reis²⁶. Em 1795, no *Livro da Comissão Fabriqueira*, que cobre algumas das acções tomadas nesta a partir Maio de 1790 até 1834, a directiva da visita anterior é esta: *à conta dos fabriqueiros mandarão fazer de novo o tecto da capela-mor*²⁷; possivelmente a primeira grande renovação pela qual o tecto passou.

Logo em 1803, a *Fabrica da Capela-mor* mandará ampliar e trasladar a Capela-mor de sete palmos de altura e quatro de largura com grades de ferro e vidraças²⁸. Em 1807, a pia baptismal achava-se a hum canto da igreja sem resguardo algum o que é indecente e como em razão da estreiteza da mesma igreja se não pode rodear de grades mando que no termo de hum ano abrindo hum arco na parede na direcção em que actualmente se acha e que lhe façam para a parte do adro casa em que bem caiba na qual deixarão uma fresta suficiente para lhe dar luz necessária e na mesma parede



25 – Retrato do Comendador Manuel António da Costa Pereira

que se fizer meterão o caixão dos ditos óleos e porão no arco que se abrir grades fechadas²⁹.

Num total de trinta livros, onde se contam quatro missais romanos dos séculos XVII, XVIII e XIX, merece especial destaque o *Livro de Nascimentos e Baptismos de 1744 a 1748*, onde podemos encontrar o registo de baptismo de *Caetana Antónia filha legitima de Damião Rodrigues Bustamante* (pintor) e de sua mulher

Manuela Rodrigo naturais de Valladolid cidade do Reino de Castela e de presente moradores e fregueses desta Paroquial Igreja de Santo André do Lugar de Morais, nascida a 3 de Novembro de 1747 e baptizada a 13 do mesmo mês. Este pintor castelhano teve uma intensa actividade artística no concelho e em toda região bragançana, sendo da sua autoria as pinturas do tecto da igreja do Convento de Balsamão e a

tela de *São Sebastião* na capela do Azibeiro (estas datadas e assinadas) entre outras, tais como a pintura do Altar das Almas em Podence ou o coroamento dos confessionários da

Matriz de Vinhas isto se tivermos em

conta a opinião de António Rodrigues Mourinho (Júnior)³⁰.

Freguesia de Peredo: Nesta existe no coro alto da igreja matriz uma inscrição com o nome do benemérito e data de execução: *CONSTRUIDO NO ANNO DE 1905 A EXPENSAS DO GRANDE BENEMERITO E FILHO DESTA FREGUEZIA O EX.MO COMMENDADOR MANUEL ANTONIO DA COSTA PEREIRA*. Na

sacristia da igreja encontra-se um interessante retrato, assinado pelo pintor português Carlos Reis, do benemérito do templo (fig. 25).

Freguesia de Podence: Constituída pelas povoações de Podence e Azibeirol esta freguesia merece um especial destaque, nesta primeira abordagem,

graças a dois bons exemplos de pintura de Damião Rodrigues Bustamante. O primeiro encontra-se na Igreja Paroquial da Imaculada Conceição de Podence e consta de uma desenvolvida figuração das *Almas do Purgatório* com inegáveis semelhanças com a pintura de Bustamante, mas cuja autoria (para já), não podemos dar como provada uma vez que não possuímos documentos para corroborar tal afirmação³¹. Por seu turno, na pequena Capela de São Sebastião do Azibeirol o óleo

sobre tela que preenche o painel central do altar com a figuração do padroeiro da capela oferece inequívoca certeza quanto à sua autoria, uma vez que se encontra datado e assinado (*Anno D 1758 – Damião*) pelo artista de Valladolid (fig. 26). Outras obras existentes, nomeadamente na Matriz de Podence,



26 – S. Sebastião, Azibeirol



27 – Altar-mor da Igreja de S. Lourenço, Salselas



28 – Tecto da Capela-mor, Salselas

merecerão da nossa parte futuros trabalhos de investigação mas que por ora seriam prematuros.

Freguesia de Salselas: A vizinha freguesia de Salselas, com a sua Igreja Matriz dedicada a São

Lourenço, tem no seu interior um bom exemplo de talha dourada e policromada barroca (núcleo da capela-mor) e um tecto em caixotões pintados entre 1725 e 1728 (figs. 27 e 28) e cujo figurino tardo-maneirista nos obriga a repensar na vitalidade dos modelos de

carácter erudito provenientes dos dois séculos anteriores. No decorrer do trabalho de arquivo, foi possível datar a obra e identificar o mestre entalhador João Francisco³² como autor do retábulo da capela-mor e o mestre pintor Gaspar Magalhães³³, morador em Vale de Celas, Mirandela, como responsável pelo trabalho de estofado e dourado do dito conjunto (fig. 29). Foi ainda



29 – Pormenor do Altar-mor, Salselas

possível, graças ao generoso contributo do Doutor António Cravo, Director do Museu Rural de Salselas, identificar as várias etapas de construção e substituição de uma anterior igreja dedicada a Nossa Senhora do Rosário por uma nova edificação de modelo barroco. Esta obra que demoraria cerca de dez anos a



30 – Solar Figueiredo Sarmento, Limãos

concretizar-se, sendo que a primeira parte da igreja a ser construída foi a fachada, iniciou-se em 1719 e ficou terminada nesse mesmo ano. Ainda no mesmo documento, é possível saber a quem primeiro que tudo se deve a nova

edificação, isto é, os seus encomendantes, estes são: o reverendo abade Rodrigo de Sá Soares e o padre-cura Manuel Pinto de Morais³⁴.

Limãos e Valdrez: As localidades de Limãos e Valdrez, pertencentes à freguesia de Salselas, possuem igrejas próprias e cujos oragos são respectivamente S. Miguel Arcanjo e Santa Eufémia.

Ainda que o desbaratamento patrimonial, provocado pelas sucessivas e incorrectas intervenções de restauro, em muito tenha contribuído para o empobrecimento e descaracterização das referidas igrejas, ainda podem ser observados alguns elementos característicos da sua edificação. A

capela do antigo solar Figueiredo Sarmento (fig. 30), em Limãos, pode aqui ser apontada como contraponto, graças a uma disposição do Cônego Figueiredo aquando da doação da capela à povoação, para que esta fosse salvaguardada de qualquer intervenção

menos digna da sua qualidade artística. Deste modo, apesar do seu mau estado de conservação, o pequeno retábulo em talha dourada é (sem dúvida) um bom exemplo a seguir. Uma nota ainda para a escultura de pedra de ançã que decora o nicho central do altar e que representa *Santa Ana com a Virgem*, imagem formalmente datável dos séculos XIII/XIV e que segundo informação do Cónego Figueiredo³⁵, foi adquirida num antiquário por sua família.

Freguesia de Sezulfe: A Igreja de São João Baptista de Sezulfe apesar da sua simplicidade e do seu estado actual a acusar alguma



31 – Igreja de S. João Baptista, Sezulfe

degradação, deixa no entanto adivinhar um nobre passado, pleno de sucessivas campanhas de obras, conforme atestam os diferentes elementos arquitectónicos e decorativos subsistentes. A rude dureza do granito é aliviada com um portal de pendor clássico que enfeita a fachada numa interpretação muito livre da gramática renascentista. No interior a austera simplicidade das linhas arquitecturais foi mitigada ao longo dos anos por diferentes campanhas, sem no

entanto corromper totalmente o seu despojamento inicial. O altar-mor resulta da sedimentação de vários estilos que foram sendo reaproveitados pelas campanhas posteriores. O resultado é uma obra de sabor anacrónico na qual a linha de continuidade temporal nunca é quebrada.

Igreja de nave única (rectangular), capela-mor e sacristia (à esquerda). As linhas mais depuradas de uma arquitectura classicizante, observável do exterior, são abruptamente contrariadas logo

que entramos no templo. Com efeito, a capela-mor com o seu arco triunfal totalmente revestido a talha e o altar-mor de linhas onduladas, a acusar uma profusão de estilos onde se misturam elementos tardo-maneiristas, barrocos e rococós, numa convivência fora do tempo cronológico que nos surpreende – aqui como em outras igrejas do concelho e até mesmo do país. O camarim central alberga o trono do altíssimo e é rematada no seu

coroamento com um escudo cardinalício. Possui ainda junto da parede do arco triunfal dois altares colaterais de entalhe rococó a acusar já algum neo-classicismo. A única capela lateral existente em toda a nave, coteja de uma simplicidade que não vai além de duas colunas adossadas com impostas sobre as quais assenta um arco de volta perfeita em cantaria com a seguinte inscrição: *O CAP[IT]AM MOR*

M[ANU]EL

P[EREI]RA

MANDOU

FAZER

EST[A]

CAP[E]LA

E[M] 1667. A

profundidade

da dita capela

não excede

actualmente o intra-dorso do arco e desconhecemos se a sua configuração terá sido sempre assim. Na dita capela venera-se uma imagem de *Nossa Senhora das Flores*, uma escultura de grande porte do século XVIII, representando a Virgem com o seu Filho assente sobre uma nuvem com querubins. Dignas de destaque são ainda duas imagens, em madeira policromada, de *São Francisco de Assis* e de *Santo António*, respectivamente dos séculos XVII e XVIII³⁶.



32 – Igreja de Nossa Senhora do Pilar, Vale Pradinhos

Vale de Pradinhos: Ainda na freguesia de Sezulfe, a igreja de Vale de Pradinhos reinterpreta de forma contemporânea essa mesma «arte sem tempo», tão peculiar nestas paragens transmontanas (fig. 32). Com efeito, a Igreja de Nossa Senhora do Pilar, inaugurada no dia 8 de Setembro de 1964, actualiza a gramática construtiva vigente, desde há vários séculos, em todo o Nordeste transmontano. O

resultado é um

templo que

exteriormente

se assemelha,

na sobriedade

das suas linhas

arquitectónicas

, aos inúmeros

tempos que

por aqui

proliferam e nos quais imperam sobretudo a visão monolítica do granito das fachadas, muitas vezes suavizada pelo reboco caiado. Esta obra, construída de raiz e fruto de uma única campanha, reuniu um grupo de bons artistas que há época eram sobejamente apreciados³⁷ (e que uma historiografia da arte mais recente tende a recuperar). Entre eles destacamos Guilherme Camarinha enquanto autor da pintura mural de Nossa Senhora do Pilar que decora a capela-mor da igreja ou Jorge

Barradas, autor do painel de azulejos com as figuras a meio vulto de *Nossa Senhora de Fátima* e dos *Pastorinhos* que decora toda a frontaria da igreja, por cima entrada principal.

Freguesia de Soutelo Mourisco:

Na povoação de Soutelo Mourisco ergue-se a imponente igreja matriz (fig. 33), o



33 – Igreja Matriz, Soutelo Mourisco

exterior sóbrio é todo

em pedra de granito bem aparelhada. O complexo arquitectónico é composto por nave única com dois altares laterais no estilo barroco, sacristia e capela-mor, datada de 1828 e restaurada em 1968, o altar-mor é neoclássico. Infelizmente, dado a qualidade arquitectónica, a igreja encontra-se num estado flagrante de semi-abandono.

Freguesia de Talhas: A actual igreja de São Miguel de Talhas é o resultado de um projecto de 1988, com excepção da capela-mor e as dependências contíguas a esta. O resultado final do projecto não é

satisfatório, fica entre aquilo que seria a fachada e a nave da igreja antigas e uma actualização destas. Percebe-se e valoriza-se o esforço da população em

manter o seu património em boas condições, porém, houve uma profunda descaracterização do espaço ao nível da nave com estas medidas.

Por isso, só na capela-mor e na sacristia encontramos aquilo que importa destacar: o retábulo em talha dourada, as pinturas em caixotões nas paredes e tecto – cujos temas são dedicados ao *Filho Pródigo*, aos *Apóstolos* e à *Paixão de Cristo* –, o acervo documental, bem como a própria sacristia.



34 – Sacrário do altar-mor, Talhas

No *Livro de Visitações da Igreja de S. Miguel*, a 27 de Setembro de 1714, encontramos a ordem de se *fazer um retábulo com suas tribunas e sacrário à imitação tudo do de Macedo dos Cavaleiros*³⁸ (fig. 34), arrematando-a quem a fizer mais barata e melhor. A 17 de Janeiro de 1716, o

fabriqueiro já tinha o retábulo encomendado, o que o livrou do pagamento de 2000 reis, e a 25 de Dezembro de 1717 já o retábulo estaria prestes a ser concluído, pois o mesmo teria agora que mandá-lo dourar dentro de seis meses³⁹, sendo este trabalho reservado ao mestre pintor Brás de Sousa por 305.000 reis⁴⁰, em 1730 (fig. 35).

Contudo, começam a surgir alguns problemas financeiros que se agravam com uma nova incumbência de obra, com a falta de contribuição dos fregueses e com o empenhamento da fábrica da igreja⁴¹. A nova incumbência é a construção de uma nova sacristia, *por ser muito pequena a que tem, e não caberem dentro os ornamentos, e caixões para eles, (...) não só pela conveniência de que seja muito maior, mas pela se poder comunicar mais claridade à capela-mor*⁴². Percebe-se que a sacristia que existe hoje é ainda o resultado daquilo que se pretendia em 1721, *obra feita por bons oficiais, com boas paredes e cantaria na porta (...), quando não seja*



36 – Altar-mor, pormenor, Talhas

*toda de cantaria podendo ser, e muito bem forrada ao moderno, e a porta com a altura e largura bastante, podendo ser e dando a arca lugar para isso, será tudo quadrado e que tenha mais de quarenta palmos de largura e comprimento, tudo em quadro, e será o terreno dela não coberto de madeira, mas sim de tijolos muito bem postos, e compassados sobre argamassa ao nível como o da igreja de Lagoa*⁴³. Para isso, e suposto a fábrica desta igreja se não ache hoje com rendimentos para poder fazer com eles esta obra, em razão de se terem despendido os que havia na obra e dourado do retábulo, devem os fregueses aplicar os (rendimentos) que houver para a dita obra e o mais porão de suas casas⁴⁴.

A falta de contribuição dos fregueses deve-se a uma isenção anterior a 1721 junto do Juízo Eclesiástico. Estes estariam isentos porque a fábrica da igreja tinha bons recursos financeiros, em que muito contribuía o fabriqueiro da mesma, o abade da freguesia. Contudo, a fábrica da igreja encontrava-se endividada junto das confrarias e o fabriqueiro era-o a título perpétuo,

razões mais do que suficientes para que o Visitador não considerasse válida a isenção dos fregueses, exigindo-lhes agora o seu contributo⁴⁵, pois aos pintores que douram e pintam o retábulo ainda não se lhes acabou de pagar e durante algum tempo não se lhes pagou.

Exactamente na mesma visita, apenas algumas folhas à frente⁴⁶, foram feitas queixas ao visitador de que os pintores que douravam o retábulo recusavam-se a *dourar todo o dito retábulo, dizendo que os acentos (banquetas) dele se não devem dourar mas sim pintar, e como do escrito que os ditos pintores fizeram de obrigação consta obrigarem-se estes a dourar a tribuna toda sem fazer excepção de coisa alguma, (...) mando que visto o referido, se lhe não acabe de pagar todo o resto que se lhe estiver devendo sem primeiro darem cumprimento ao dito ajuste, dourando também os acentos que de uma parte já têm pintados*⁴⁷. No entanto, só em 1727 se voltará a fazer referência ao acabamento do trabalho, existindo a necessidade de o fazer por falta de cumprimento do acordado por contrato, tinham *passado já cinco ou seis anos*⁴⁸. O ultimato ao mestre pintor Brás de Sousa só chega com a visita de 1730, ou este acaba o dourado dos baixos da capela-mor em três meses a contar dali (11 de Junho de

1730), ou se contrata outro oficial para se terminar aquilo que se tinha começado entre 1717/18 e 20. Contratou-se outro oficial⁴⁹, em 1743, ficando o trabalho definitivamente acabado em 1746, como se vê pela seguinte nota de pagamento, *ao pintor de pintar os baixos da capela-mor e dourar as sacras cinco mil e duzentos reis*⁵⁰.

Da pintura dos caixotões do tecto prova-se que é anterior a 1743, data em que o fabriqueiro consegue acabar de pagar ao pintor os 6.710 reis em falta⁵¹. Estas encontram-se bastante danificadas, não só pelos consecutivos repintes sofridos mas também e principalmente pelas infiltrações. A temática principal, que ainda hoje é possível ver, é a da *Paixão de Cristo*.

As pinturas laterais da capela-mor são no entanto votadas quer aos apóstolos, ciclo superior, quer ao *Filho Pródigo*, ciclo inferior, e delas nada se sabe em concreto, contudo, as semelhanças formais com outras da região e do concelho (Azibeirol, Balsamão, Miranda do Douro – Misericórdia), levam-nos a atribuí-las ao pintor castelhano Damião Rodrigues Bustamante, algo que é necessário apurar.

Freguesia de Talhinhos: A Igreja Matriz de planta longitudinal bem

orientada (E-O) é composta por nave única, capela-mor, capela baptismal, sacristia e outras dependências. Tanto as paredes exteriores como as interiores são de alvenaria rebocada, sendo que, exteriormente, é visível a alvenaria de granito no campanário (de duplo arco perfeito), nas molduras da fachada, nos pináculos e nos cunhais.

São de notar ainda várias transformações na fachada

ao longo do tempo – a última das quais aconteceu durante o século XX –, no portal da igreja, porém o campanário é anterior de finais do século XVIII. No interior, a nave é de tecto em madeira de três panos, já o tecto da capela-mor é em caixotões (vinte e cinco, ao todo), cinco com motivos vegetalistas e os restantes vinte repartidos entre cenas da vida de *Maria, de Cristo*

e os *Evangelistas*. As pinturas foram totalmente repintadas em 2002, o que dificulta a avaliação estilística, contudo, podemos fixar a sua produção na segunda metade do século XVIII.



37 – Igreja do Senhor da Santa Cruz, Gralhós



38 – Pia Baptismal, Gralhós

Gralhós: A Capela de São Tiago apresenta várias etapas de construção, consequência das diversas e

profundas transformações que ocorreram ao longo dos anos, a última das quais em 1997. A fachada, conserva o traçado que é constante e característico em todas as igrejas e capelas de maiores dimensões no concelho com

campanário a rematar a empena. Foi totalmente reconstruída, tendo sido mesmo deslocada cerca de um metro para a direita, sendo isso

visível a partir do exterior e do interior. À capela-mor podemos atribuir o período mais recuado (meados do século XVIII), perceptível pela cantaria em granito visível na correspondência exterior – contudo, neste e em muitos outros casos não

inviabiliza uma datação anterior. O interior é muito pobre e sem grande interesse artístico e também se encontra profundamente alterado, a todos os níveis.

Ao nível arquitectónico a estrutura do edifício da Igreja do Divino Senhor da Santa Cruz, tal como ela se encontra, poderá corresponder ao início do século XVIII, contudo sofreu obras de ampliação durante os séculos XIX e XX, a última das quais encontra-se registada na fachada, entre os dois arcos que constituem o campanário (1963). As paredes são em alvenaria mas encontram-se totalmente rebocadas, sendo visível apenas o granito nas molduras das janelas, na entrada principal e secundária e em outras pequenas superfícies (caso dos frisos e dos pináculos).

No entanto, apesar destas datações recentes, existem pelo menos duas peças bastante anteriores a isso e que contrastam fortemente com o interior já de si pobre e agora tremendamente danificado pela intervenção que sofreu em 1998. As peças, uma em granito (pia baptismal), a outra (uma pintura maneirista) remontam aos inícios do século XVII. Aproveitamos também para divulgar e chamar a atenção para a existência de alguns documentos paroquiais nesta e noutras igrejas do concelho e da necessidade que existe em conservá-los, catalogá-los e arquivá-los num local seguro e comum, pois em muitos casos não se encontram minimamente

protegidos. Nestes documentos e noutros de outras paróquias, podemos encontrar *Livros de Visitação*, *Livros de Defuntos* e de *Nascimentos*, *Inventários de Bens das Confrarias*, entre outros de igual ou maior importância histórica, e não apenas de interesse local. O acervo documental encontrado na Matriz de Gralhós vai de 1733 a 1859⁵², podendo-se aí encontrar-se de tudo um pouco dentro daquilo que agora foi descrito.

Pia baptismal de decoração simples e apelativa, tem pouco mais de meio metro (55 cm), contudo mostra-se muito bem conseguida no resultado final. Formada por pé, pega ou fuste e vaso, esta peça de escultura apenas tem como elementos decorativos um anel à volta da pega. Na sua parte mais delgada entre dois sulcos que envolvem o vaso existem círculos (nove ao todo) com uma cruz de quatro pontas simétricas e foliformes e interrompidas no centro por um pequeno círculo. No pé está a data de 1606 (fig. 38).

A *Virgem de Gralhós*, nome sugerido de síntese que se atribuiu a um grupo de três fragmentos de tábuas pintadas a óleo. Os três fragmentos descobertos pertenceriam outrora a um painel maneirista da segunda metade do século XVI cujo tema seria *A Anunciação*, isso percebe-se pelos elementos que subsistiram até hoje: o

rosto do *Anjo da Anunciação*, num recorte com 225x410 mm; a *Virgem da Anunciação*, com 410x380 mm; e o rosto de uma *Santa Mártir*, com 225x415mm. Estes fragmentos, estão neste momento a revestir o interior de um pequeno nicho aberto na capela baptismal da igreja. Encontram-se apesar de tudo, em razoável estado de conservação, porém a continuidade destes no mesmo local irá acelerar a sua degradação. A boa qualidade plástica destes fragmentos deverá ser tida em conta para se pensarem em conjunto (Paróquia, Junta de Freguesia, Câmara Municipal e associações de defesa e conservação do património), soluções que protejam e garantam o futuro destas e doutras peças.

Freguesia de Vale Benfeito: Na freguesia de Vale Bemfeito ergue-se a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção, em cujo portal existe uma inscrição com a indicação do ano da sua construção e nome do responsável construtivo – *ANTONIO ROIZ A FES ANND 1742*. Nesta primeira abordagem que privilegiou sobretudo o trabalho de campo não nos foi possível recolher dados sobre o «arquitecto» ou conectá-lo com outras campanhas arquitectónicas nas proximidades geográficas. Na capela-mor da igreja salientamos o tecto em caixotões com

representações dos *Evangelistas*, *episódios da Paixão e passos da iconografia mariana*, as pinturas encontram-se bastante repintadas o que prejudica a sua beleza original. A talha dourada setecentista do altar-mor já apresenta alguns motivos neoclássicos, contudo a predominância incide em figuras barrocas, trajadas à época, que parecem representar uma cena de teatro.

Freguesia do Vale da Porca:

Nesta, há semelhança de todas as outras freguesias do concelho por nós visitadas, são vários os núcleos de arte religiosa, contudo, apenas alguns detêm uma importância histórico-artístico mais visível. A devoção popular deu origem em todo o concelho a uma infinidade de pequenas capelas, cuja edificação se deveu às mais diversas razões, quer pessoais quer colectivas, ligadas à fé das mesmas. A grande parte destas pequenas capelas encontra-se ainda activa, porém, o seu culto é raro, outras, encontram-se ou abandonadas ou semi-abandonadas (incluem-se nestas aquelas onde o culto é sazonal ou quase privativo). Apesar do seu elevado número, raras são aquelas que acabam por merecer alguma notoriedade. Independentemente da data de construção, tenham estas sido feitas no século XIX ou XX, a sua estrutura é quase sempre igual – planta rectangular,

nenhum, um ou dois vãos no máximo, de pequenas dimensões, telhado de duas águas, imagens em gesso ou em madeira – e quase sempre sem qualquer valor artístico de maior. Há outras ainda que pelos seus acabamentos, formas e representações estilísticas podemos estabelecer-lhes o final do século XVIII, inícios do século XIX, como períodos prováveis para a sua produção, a dificuldade em sabê-lo está no péssimo trabalho de restauro realizado (se é que podemos assim nomear tal feito), perdendo estas muito do valor que tinham.

A Igreja Matriz do Vale da

Porca, embora possua a planta habitual verificada em todas as igrejas do concelho (nave única rectangular, capela-mor e sacristia), diverge na sua fachada da tipologia típica (porta principal, um ou mais óculos, rematada com um campanário com um ou dois sinos de terminação triangular). Com efeito, a última campanha de reformas em 1966 alterou irremediavelmente a fachada principal, transformando o campanário em torre sineira colocada lateralmente à fachada. O interior contudo ainda conserva toda a sua

monumentalidade, nomeadamente ao nível da capela-mor cujas paredes, tecto e arco triunfal encontram-se totalmente revestidos com caixotões de madeira pintada (fig. 39). No arco triunfal a inscrição: *ERA DE 1.7.6.5*, marca a data da campanha. Embora a inscrição de 1696, gravada na pia baptismal, remeta para data mais recuada. Sintomático daquilo que afirmamos será a imagem

do padroeiro da igreja que se encontra actualmente deslocada no nicho lateral esquerdo do altar-mor. A escultura de *São Vicente*

em madeira estofada e

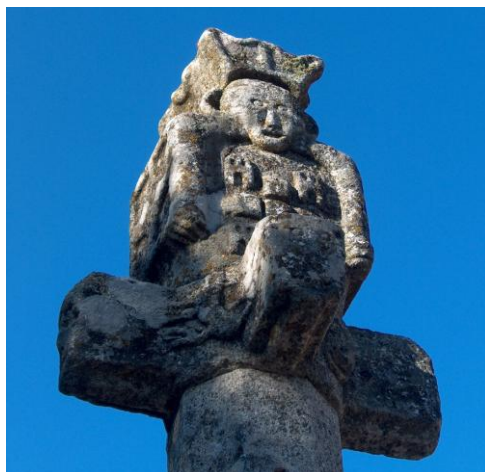
policromada, acusa uma data mais próxima do final do século XVII, início do século XVIII⁵³ e teria sido para aí deslocada pela campanha de 1765, uma vez que o camarim central adornado com um *trono do Altíssimo* alterou a configuração do altar e não comportava uma imagem de semelhantes dimensões.

Destacamos, entre as peças inventariadas da Igreja Matriz de São Vicente do Vale da Porca, uma pequena imagem de *Santo António com o Menino*, em madeira, estofada e



39 – Tecto da Capela-mor, Vale da Porca

policromada, datável de finais do século XVII, inícios do século XVIII. Ainda em madeira estofada e policromada, destacamos os *Criados de São Vicente*, duas figuras de convite, negras, com mais de um metro de altura, que pela sua originalidade e qualidade plásticas merecem no futuro um estudo mais detalhado.



40 – Pelourinho, Vale de Prados

Freguesia de Vale Prados: A

freguesia de Vale Prados tem como ponto de interesse o pelourinho situado na praça principal, retratado em 1937 por Alberto de Sousa. O monumento em granito apresenta um fuste oitavado encimado por uma cruz grega, no capitel pode vislumbrar-se uma figura zoomórfica num dos lados e no outro o escudo nacional⁵⁴.

A talha dourada do altar-mor da Igreja Matriz de Vale de Prados datável do

barroco pleno, também, merece destaque pela

liberdade de entalhe. Nas aduelas das arquivoltas encontra-se em baixo relevo as figuras de *São Pedro* e *São Paulo*

com reminiscências da retabulística maneirista. Ainda que se trate de uma obra de oficina regional, valerá a pena no futuro estudo mais abrangente e de

interligação com outras peças estilisticamente semelhantes no concelho.

Freguesia de Vilar do Monte: A Igreja de São Martinho de Vilar do Monte foi uma boa surpresa.

Com efeito, na sacristia da Igreja Matriz encontram-se duas peças artísticas de

boa qualidade: um sacrário com a representação de um *Pano de Verónica* em baixo relevo e uma escultura gótica de *São Miguel Arcanjo a Combater o Demónio* do século XV. A escultura de *São Miguel*, em calcário, é

iconograficamente representada com um escudo ostentando a cruz da Ordem de Calatrava, a balança para a

pesagem das almas fica na mão esquerda e na mão direita possui um estandarte cruciforme (fig. 41). Pisa a figura de um demónio, mostrando desta forma a supremacia do



41 – S. Miguel Arcanjo a Combater o Demónio, Vilar do Monte

bem sobre o mal. A imagem encontra-se fragmentada e enxertada com gesso na zona do pescoço, mas revela, apesar disso, um bom labor e elegância na pose. Segundo fontes populares a escultura proveio de uma antiga ermida dedicada a São Sebastião situada na mesma freguesia.



42 – Igreja de S. Vicente, Vinhas

O altar lateral do lado direito reservou-nos a maior e melhor surpresa. Completamente despercebida e bastante repintada, encontramos uma imagem da escola de Malines representando *Santa Ana com a Virgem*. Este tipo de esculturas não são muito frequentes em Portugal e a sua presença em território transmontano deixa adivinhar o poder financeiro de uma família senhorial, possivelmente com contactos nos Países Baixos. A importância desta escultura de Malines deverá despertar perante o poder local e a Comissão Fabriqueira da Igreja uma



43 – Pintura do Confessionário, Vinhas

maior responsabilidade na sua conservação/preservação e salvaguarda.

Freguesia

de Vinhas: A povoação de Vinhas ostenta o templo mais original de todo o concelho, fruto de sucessivas campanhas de obras levadas a cabo

ao longo de todo o século XVIII. O resultado é uma imponente igreja paroquial de nave única, rectangular, uma capela-mor de planta octogonal e com sacristia adossada cuja entrada se

faz na zona do arco triunfal. A própria situação geográfica desta igreja dedicada a São Vicente – situada no alto de uma elevada plataforma –, concorre para a

sua imponentia a par com a sua fachada rematada com campanário, numa interpretação muito própria dos cânones barrocos (fig. 42). O seu interior, embora sem elementos arquitectónicos de relevo que possamos assinalar, não deixa no entanto de ser digno de nota

pelo modo como dá continuidade à imponência observada do exterior. De assinalar ao longo da nave os quatro confessionários existentes, embutidos nas paredes, dois de cada lado (fig. 43). Totalmente forrados a madeira e com coroamento de talha barroca com edículas pintadas entre 1768 e 1769 por Damião Rodrigues



44 – Igreja do Anjo da Guarda, cabeceira, Castro Roupal

Bustamante⁵⁵, com temas alusivos à *Morte* e ao *Juízo Final* (à esquerda) e ao *Inferno* e *Paraíso* (à direita). Com alguma frequência iremos encontrar obras pictóricas deste pintor de Valladolid, nomeadamente na freguesia de Podence e no Convento de Balsamão. A capela-mor de planta octogonal com tecto em abóbada



45 – Pintura Mural, Pormenor, Castro Roupal

confere a todo o conjunto uma elegante teatralidade barroca, pouco usual nestas paragens. De assinalar ainda uma pintura retabular representando a *Adoração dos Pastores*, que se encontra

apeada junto à parede fundeira da capela-mor e parcialmente oculta por um arcaz (proveniente da sacristia recentemente remodelada). Com cerca

de 100X104 cm de dimensão esta pintura está rodeada por uma moldura em talha dourada de figurino maneirista: duas colunas coríntias de fuste decorado

com folhagens de acanto e aves assentes sobre dois modilhões com enrolamentos de acanto. Na predela figura um belíssimo mascarão de cuja boca se desprendem guirlandas. Na parte superior o motivo repete-se, ladeando

um querubim. Apesar do seu mau estado de conservação e da sujidade é perfeitamente visível um bom

tratamento

plástico da

figura da *Virgem Maria* num figurino epi-maneirista a acusar já algum tenebrismo.

Castro Roupal: Na pequena povoação de Castro Roupal, ergue-se a

Igreja do Anjo da Guarda, edificada segundo a lenda, a partir de uma antiga edificação «moura» cuja orientação N-S contraria a actual orientação canónica E-O. Igreja de nave única, capela-mor e duas capelas laterais: a capela do baptistério, totalmente desprovida de qualquer tipo de decoração e, uma capela anteriormente dedicada a *Santo António* conforme atestam os caixotões do tecto com cenas da vida do santo e a escultura do mesmo, actualmente deslocada numa mísula lateral. Existe nesta capela uma porta mais antiga de acesso à sacristia, facto que parece corroborar a primeira orientação do templo, indicando esta capela lateral como a primeira capela-mor. A capela-mor, cuja parede fundeira descreve uma ligeira curvatura, esconde atrás do seu altar-mor uma das mais surpreendentes descobertas desta campanha. Com efeito, toda a parede fundeira encontra-se revestida com pintura mural que apesar de muito suja e irremediavelmente truncada, ostenta ainda um trabalho de elevada qualidade pictórica (figs. 44 e 45). A originalidade desta obra e o seu carácter (estamos em crer) único nestas terras transmontanas impõe por parte das autoridades competentes a disponibilização de meios para que se proceda a uma urgente campanha de restauro.

No último dia de trabalho de campo ainda visitámos a freguesia da Amendoeira, nomeadamente as povoações de Latães, Gradíssimo, Pinhovelo e Amendoeira. Foram visitas muito breves nas quais procedemos apenas a uma simples recolha fotográfica que por si só não nos permite para já adiantar nenhuma descrição mais profunda. O mesmo se verificou na freguesia de Olmos (Olmos e Malta), especificamente a Igreja Matriz de Malta à qual efectuamos uma breve visita ainda em Maio de 2004 para observar *in situ* as tábuas quinhentistas do altar-mor⁵⁶. Ainda por visitar encontram-se as freguesias de Arcas, Carrapatas, Edroso, Lamalonga, Vilarinho de Agrochão e Vilarinho do Monte, que completam, num total de trinta e oito freguesias o Concelho de Macedo de Cavaleiros.

«Aguardaremos que os críticos e os estudiosos da arte venham aos locais, hoje mais acessíveis e acolhedores, e se debrucem sobre as formas humildes mas válidas da arte popular e regional, e revelem os segredos (...) que são reflexos de escolas, de correntes que passaram por estas terras pobres de meios mas ricas de espírito». Desta forma terminava o artigo do Cónego António Henriques de Figueiredo Sarmento⁵⁷, apelando para que se

procedesse à inventariação e estudo do património do concelho no ano de 1964. Quarenta anos depois o seu apelo foi atendido com a assinatura do presente protocolo, iniciando os trabalhos de inventariação exaustiva de todo o património do concelho que prolongar-se-ão por um período de quatro anos, findo o qual se procederá à edição dos resultados, dotando deste modo o Concelho de Macedo de Cavaleiros de um Inventário Histórico-Artístico.

Não gostaríamos de terminar sem antes agradecer a todas as pessoas que tornaram de algum modo possível este nosso trabalho. São elas: Sra. D. Maria do Patrocínio Alves, Sr. António Maria Moreira, Sra. D. Luisa,, Sr. António Crisóstomo, Sra. D. Alice Costa, Sr. Francisco Patrocínio, Sra. D. Raquel, Sra. D. Maria Alice Baptista e Sra. D. Beatriz [Vale da Porca]; Sra. D. Rute, Sra. D. Aida, Sra. D. Albertina Nogueira, Sra. D. Carmelinda Tiago, Sra. D. Deolinda, Sr. Padre Acácio Fernandes e Sr. Dinis António (Presidente da Junta de Freguesia) [Salselas]; Sr. Inocência, Sra. D. Natália [Valdrez]; Sra. D. Beatriz, Sra. D. Cândida [Limãos]; Sra. D. Celeste [Santa Combinha]; Sr. Cónego Melo, Sr. João Borges, Menina Maria Cândida [Macedo de Cavaleiros]; Sra. D. Angélica, Sra. D. Alzira, Sra. D. Ana

[Castro Roupal]; Sr. Padre Carlos Fonseca, Sr. Daniel Valadares e Sra. D. Isabel [Morais]; Sr. Ambrósio [Bagueixe]; Dr^a. Águeda Asseiro, Sr. António [Gralhós]; Sr. Padre Abrandino Cordeiro [Castelãos]; Sr. Padre Manuel Marques [Lamas]; Sr. Padre Alfredo Augusto Silva, Sr. António José Pontes, Sra. D. Guida Canedo, Sr. António Serapicos (Presidente da Junta de Freguesia) [Talha]; Sra. D. Amélia Forte [Vilar do Monte]; Padre Hérmino Ferreira, Sra. D. Ana, Sr. Moreira Alves [Grijó]; Sra. D. Amélia Borges e Sr. Luís Ribeiro [Sobreda]; Sr. Diácono Mesquita [Cabanais], Sr. Padre Manuel Luís Coelho, Sra. D. Fernanda e Sra. D. Alexandrina [Burga]; Sra. D. Maria da Ressurreição [Cortiços]; Sr. Padre Neto [Vinhas]; Sra. D. Maria Rodrigues [Ala]; Sr. Padre Valentim Bom [Carrapatos], Sra. D. Arminda Gutierrez [Brinço]; Sr. Canelhas e Sónia Canelhas [Lombo]; Sra. D. Angelina de Jesus [Malta]; Dr^a. Cristina Correia (C.M.M.C) e Frei Stanislau do Convento de Balsamão.

Fica por último um agradecimento muito especial à Bé, Carlos Mendes, Manuel Cardoso, Prof. Luís Afonso, Prof. Sena-Martinez, Dr. António Cravo, Hélder Carvalho, D. Angélica, Sónia e Sofia, D. Amélia, Fernando Almendra, Sr. José Almendra e restante família.

Ao nosso mestre e amigo Prof. Doutor **Vítor Serrão** que desde a primeira hora acreditou e depositou em nós toda a confiança.
O nosso muito obrigado.

Bibliografia

António **Cravo**, *Os Pauliteiros de Salselas*, Associação – Os Amigos do Museu Rural de Salselas, 2ª edição, Salselas, 2002.

António **Cruz**, *Um inédito de António Coelho Gasco sobre antiguidades de Trás-os-Montes*, Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, Coimbra, 1935.

António **Fernandes** e António de Sousa **Araújo**, *Santo Ambrósio, A Romagem do Nordeste, História das suas origens e subsídios para a história de Vale da Porca e Salselas*, Edição da Comissão Fabriqueira de Vale da Porca, Macedo de Cavaleiros, 1988.

António Henriques de Figueiredo **Sarmiento**, «Breves Apontamentos Sobre Algumas Manifestações de Arte Sacra no Concelho de Macedo de Cavaleiros», in *Mensageiro de Bragança*, nº 1030 de 22 de Agosto de 1964.

António Rodrigues **Mourinho** (Júnior), *A Talha nos Concelhos de Miranda do Douro, Mogadouro e Vimioso nos Séculos XVII e XVIII*, Associação de Município do Planalto Mirandês, 1984.

Arquitectura Religiosa da Diocese de Miranda do Douro – Bragança, Sendim, 1995.

Armando **Pires**, *O Concelho de Macedo de Cavaleiros*, Junta Distrital de Bragança, Bragança, 1963.

Armando Valfredo **Pires**, «O Concelho de Macedo de Cavaleiros e o V Centenário da Cidade de Bragança», in *Mensageiro de Bragança*, Ano XXV, nº 1030, 1964.

Belardino **Afonso**, «Notícia Histórico-Artística da Matriz de Malta, Tábuas Quinhentistas», in *Brigantina*, XVII, 1997.

Carlos **Mendes** (dir.), *Cadernos “Terras Quentes”*, Edições ATQ/CMMC, Macedo de Cavaleiros, 2004.

Carlos **Mendes**, *Macedo de Cavaleiros; Cultura Património e Turismo, Contributos para um programa integrado*, Tese de Mestrado em História Regional e Local Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols., Lisboa, 2004.

Francisco **Felgueiras**, *Peregrinações por Terras Bragançanas. Chacim na História e na Lenda*, Amigos de Bragança, Bragança, 1969.

José Manuel Pereira Ribeiro **Gomes**, *1545-1995 Comemorações Jubilares dos 450 anos da Diocese de Bragança-Miranda, Arte Sacra*, 4 vols., Departamento de Liturgia e Património Cultural da Diocese de Bragança-Miranda, 1996.

José Ramón Nieto **González**, «Damian Bustamante y su Obra Portuguesa», in *Mundo da Arte*, nº 13, 1983.

Luís Alexandre **Rodrigues**, *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*, Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 vols., Bragança, 2001.

Maria João Madeira **Rodrigues**, *Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura*, Quimera, 3ª edição, s.l.d.e., 2002.

Nuno Fernandes **Pires**, *Heráldica Familiar do Concelho de Macedo de Cavaleiros*, João Azevedo Editor Terras Transmontanas, 1996.

Pelourinhos do Distrito de Bragança, com aguarelas de Alberto de Sousa, Presidência do Concelho, Secretaria de Estado da Cultura, Direcção Geral do Património Cultural, Museu Abade Baçal, Bragança, 1977.

Portugal Económico Monumental e Artístico, Fascículo XXXII, Conselho e vila de Macedo de Cavaleiros.

Sandra Vasco **Rocca** (dir.), *Thesaurus, Vocabulário de Objectos do Culto Católico*, Fundação da Casa de Bragança, 2004.

Segismundo do **Carmo** (coord.), *Catálogo da Exposição Iconográfica e Bibliográfica Comemorativa do VIII Centenário da Chegada das Relíquias de São Vicente a*

Lisboa, Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1973.

Vítor Serrão (dir.), **ARTIS** – *Revista do Instituto de História da Arte* (da Faculdade de Letras de Lisboa), nº 3, 2004.

Notas:

¹ Cf. **ARTIS** – *Revista do Instituto de História da Arte* (da Faculdade de Letras de Lisboa), nº 3, 2004, pp. 427-428 (notícia preliminar) e pp. 439-441 (texto do protocolo).

² Francisco Felgueiras, *Peregrinações por Terras Bragançanas. Chacim na História e na Lenda*, Amigos de Bragança, Bragança, 1969, p. 12.

³ O monumento às Alminhas já se encontra inventariado pelo IPA, N° da ficha 0405100014.

⁴ O conjunto escultórico já foi objecto de estudo e inventariação no âmbito da exposição de arte barroca para as Comemorações Jubilares dos 450 anos da Diocese de Bragança-Miranda. José Manuel Pereira Ribeiro Gomes, *Op. cit.*, p. 17.

⁵ *Livro de Visitações da Paroquial Igreja de São Martinho de Lagoa de 1632 a 1732*, fl. 56r.

⁶ *Ibidem*, fls. 56r e 57v.

⁷ *Ibidem*, fl. 58v.

⁸ *Ibidem*, fls. 86v e 87r.

⁹ *Ibidem*, fl. 96r.

¹⁰ *Ibidem*, fl. 134r.

¹¹ *Ibidem*, fl. 136r.

¹² *Ibidem*, fls. 161v e 162r.

¹³ *Ibidem*, fl. 179v.

¹⁴ *Ibidem*, fl. 84v.

¹⁵ *Livro de Visitações da Igreja de S. Miguel de Talhas*, de 1714, fl. 21v.

¹⁶ *Livro de Visitações da Paroquial Igreja de São Martinho de Lagoa de 1632 a 1732*, , fl. 94r.

¹⁷ *Ibidem*, fl. 95v.

¹⁸ *Ibidem*, fl. 101v.

¹⁹ *Ibidem*, fl. 110r.

²⁰ *Ibidem*, fls. 119v e 119r.

²¹ *Ibidem*, fl. 119v.

²² *Ibidem*, fl. 121r.

²³ *Ibidem*, fl. 121r.

²⁴ José Manuel Pereira Ribeiro Gomes, *1545-1995 Comemorações Jubilares dos 450 anos da Diocese de Bragança-Miranda, Arte Sacra*, Departamento de Liturgia e Património Cultural da Diocese de Bragança-Miranda, 1996, p. 18.

²⁵ Luís Alexandre Rodrigues, *Op. cit.*, pp. 822 a 837.

²⁶ *Livro de Receitas e Despesas da Igreja de Santo André de Morais, 1747 a 1802*, fl. 70r.

²⁷ *Ibidem*, fl. 17v.

²⁸ *Ibidem*, fl. 22r.

²⁹ *Ibidem*, fls. 24v e 25r.

³⁰ António Rodrigues Mourinho (Júnior), *Op. cit.*, p. 639.

³¹ António Rodrigues Mourinho (Júnior), *Op. cit.*, p. 639. O autor é peremptório ao afirmar que a autoria da obra é de Bustamante (tal como acontece na Matriz de Vinhas), sem contudo revelar a fonte de tal afirmação.

³² *Livro de Notas de Manuel Morais Madureira, Tabelião de Vale de Pardos, 1723-27, fls. 16 e 17.*

³³ *Livro de Notas de Manuel Morais Madureira de Vale de Prados, 1727, fl. 142 v.*

³⁴ Luís Alexandre Rodrigues, *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*, Dissertação de Doutoramento em Historia da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 vols., vol. 2, Bragança, 2001, p. 318.

³⁵ António Henriques de Figueiredo Sarmento, «Breves Apontamentos Sobre Algumas Manifestações de Arte Sacra no Concelho de Macedo de Cavaleiros», in *Mensageiro de Bragança*, nº 1030 de 22 de Agosto de 1964, p. 12.

³⁶ Cf. José Manuel Pereira Gomes, *Op. Cit.*, pp. 23, 32 e 37.

³⁷ Roteiro Litúrgico – Para Inauguração da Igreja de Vale Pradinhos, 8/09/1964.

³⁸ *Livro de Visitações da Igreja de São Miguel 1714, fl. 21v.*

³⁹ *Livro de Visitações da Igreja de São Miguel de 1722, fl. 30v.*

⁴⁰ *Ibidem*, fl. 21r.

⁴¹ *Livro de Visitações da Igreja de São Miguel 1697, fl. 24v.*

⁴² *Ibidem*, fl. 36v.

⁴³ *Ibidem*, fl. 24r.

⁴⁴ *Ibidem*, fl. 24r.

⁴⁵ *Ibidem*, fl. 24v.

⁴⁶ *Ibidem*, fl. 39r.

⁴⁷ *Ibidem*, fl. 39r.

⁴⁸ *Livro de Visitações da Igreja de São Miguel de 1722, fls. 14v e 15r.*

⁴⁹ *Ibidem*, fl. 39v.

⁵⁰ *Contas tomadas ao fabriqueiro, de 1741, fl. 54r.*

⁵¹ *Ibidem*, fl. 48r.

⁵² **Livros paroquiais:** 1. D. Fr. Aleyxo de Miranda Henriques da Ordem dos Pregadores por Merce de Deos, e da Sancta Se Apostólica, Bispo de Miranda, e do Conselho de Sua Majestade Fidelissima, Janeiro de 1759. 2. Este Livro ha de Servir para nelle se lançarem os cappitulos da visita desse lugar de gralhós. 3. Livro de Defuntos de doze de Junho de 1797 a catorze de Abril de 1847. 4. Este Livro ha de Servir para nelle se fazer inventario dos bens da Igreja e mais confrarias, de dezasseis de Abril de 1738

5. Casamentos e Defuntos, de seis de Maio de 1795 a oito de Janeiro de 1803. 6. Livro dos Assentos dos Baptizados da Freguesia de Talhinhos, de oito de Outubro de 1818 a um de Maio de 1823. 7. Livro dos Defuntos do Lugar de Talhinhos, trinta e um de Agosto de 1733 a vinte e seis de Dezembro de 1796. 8. Livro de termos e assentos de cazamentos do lugar de Talhinhos, de 31 de Junho de 1735 a vinte e sete de Junho de 1859.

⁵³ Cf. Segismundo do Carmo (coord.), Catálogo da Exposição Iconográfica e Bibliográfica Comemorativa do VIII Centenário da Chegada das Relíquias de São Vicente a Lisboa, Serviços Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, 1973.

⁵⁴ *Pelourinhos do Distrito de Bragança, Op. cit.*, pp. 23 e 24.

⁵⁵ António Rodrigues Mourinho (Júnior), *Arquitectura Religiosa de Miranda do Douro – Bragança*, Sendim, 1995, p. 660.

⁵⁶ Cf. A este propósito o estudo realizado pelo Prof. Doutor Vítor Serrão e pelo Dr. Manuel de Sousa Cardoso, publicado noutro lugar destas Actas, acerca de alguns núcleos de pintura no Concelho de Macedo de Cavaleiros.

⁵⁷ António Henriques de Figueiredo Sarmiento,
Op. Cit., p.13.